

O acervo de Eulálio Motta e os perfis do poeta contador de histórias

The holdings of Eulálio Motta and the profiles of the storyteller poet

Liliane Lemos Santana Barreiros*

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana, Bahia, Brasil

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar os itinerários do escritor baiano Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) pelas tipografias do sertão baiano, com o intuito de socializar suas publicações, difundir a obra do escritor e as atividades realizadas no âmbito do Projeto de Pesquisa *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (Resolução UEFS/CONSEPE 070/2016; CNPq; FAPESB). O acervo do escritor está alocado na Universidade Estadual de Feira de Santana e é composto, principalmente, de documentos arquivados por ele, relacionados a sua vida pessoal, profissional e literária. A diversidade de manuscritos editados e inéditos preservados tem permitido a produção de vários estudos acadêmicos, em diferentes perspectivas teóricas. Após o estudo sistemático do acervo do escritor, foi possível identificar três pseudônimos de maior recorrência, *Liota*, *Braz Cubas* e *João Ninguém*, utilizados por Eulálio Motta em quatro periódicos baianos: jornal *Mundo Novo* (1931 a 1932, Mundo Novo-BA); jornal *O Lídador* (1933 a 1935, Jacobina-BA); jornal *O Serrinhense* (1950 a 1951, Serrinha-BA); e jornal *Gazeta do Povo* (1960-1961, Feira de Santana-BA). Esses pseudônimos revelam os diferentes perfis que o escritor assumia diante do seu público, de acordo com o tema que abordava. Nesse trabalho, descreve-se a sociohistória dos textos de Eulálio Motta e o percurso do escritor, enquanto poeta, jornalista, panfletário e cronista, situando quem é o sujeito-autor, o que conta, para quem conta, quem são seus interlocutores, os cenários da sua escrita e o processo de recolha dos textos na comunidade como registro da memória local.

Palavras-chave: Eulálio Motta; acervo; pseudônimos.

Abstract: The present article aims to present the itineraries of the Bahian writer Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) by typographies of the Bahian sertão, with the purpose of socializing his publications, disseminating the work of the writer and the activities that have been done in the Research Project *Edição das obras inéditas de Eulálio Motta* (UEFS/CONSEPE Resolution 070/2016; CNPq; FAPESB). The holdings of the writer are in the Universidade Estadual de Feira de Santana and it is consisted mainly of documents archived by the writer that are related to his personal, professional and literary life. The diversity of the published and unpublished manuscripts has allowed the production of several academic studies in different theoretical perspectives. After the systematic study of the writer's holdings, it was possible to identify three pseudonyms of great recurrence, *Liota*, *Braz Cubas* and *João Ninguém*, they were used by Eulálio Motta in four Bahian periodical newspapers: *Mundo Novo* newspaper (1931-1932, Mundo Novo-BA); newspaper *O Lídador* (1933 to 1935, Jacobina-BA); newspaper *O Serrinhense* (1950 to 1951, Serrinha-BA); and the newspaper *Gazeta do Povo* (1960-1961, Feira de Santana-BA). These pseudonyms reveal different profiles that the writer assumed before his audience, according to the subject he was addressing. In this work, we describe the sociohistory of Eulálio Motta's texts and the writer's journey, as poet, journalist, pamphleteer and chronicler, mapping who is the subject-author, what he is saying, to whom he is addressing, who did he speak to, the scenarios of his writing and the process of collecting the texts in the community as a record of the local memory.

Keywords: Eulálio Motta; holdings; pseudonyms.

* Professora adjunta do Departamento de Letras e Artes da UEFS, doutora em Língua e Cultura pela UFBA. E-mail: lilianebarreiros@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A invenção da escrita é um dos acontecimentos mais importantes da humanidade, pois possibilitou ao homem registrar o conhecimento e as experiências vivenciadas. A escrita alfabética e a sua difusão marcam um salto qualitativo na evolução cultural das sociedades modernas, tornando-se condição imprescindível para se falar da existência de uma civilização desenvolvida e integrada. De acordo com McLuhan (1977 [1962], p. 76), “[...] foi somente pelo alfabeto que os homens destribalizaram ou individualizaram para criar a ‘civilização’”.

Mesmo não sendo um progresso linear, contínuo e igualitário, o acesso à leitura e à escrita, por grande parte da população, contribuiu para modificar a ideia que o homem tinha de si mesmo e sua relação com os outros. Com a difusão da cultura escrita, por meio do comércio de livros e periódicos e da popularização da escola, novas práticas sociais se instituíram, ampliando os usos da língua. Segundo Chartier (2009 [1986]), a familiaridade com a escrita, os textos e os livros “no final do século XVIII, permite aos humildes modelar pelas leituras feitas o relato de sua vida – vivida em atos ou em imaginação” (CHARTIER, 2009 [1986], p. 158).

Desse modo, a leitura e a escrita passaram a ser extensivas ao cidadão comum, permitindo a penetração do texto escrito na sociedade, criando práticas cotidianas que colocaram a escrita no centro das relações sociais. Para Chartier (2009 [1986]):

Sociabilidade do convívio, intimidade familiar e doméstica, isolamento individual: são as três esferas da vida do Ocidente em que o livro e suas leituras detêm uma posição primordial. A constatação não vale apenas para os que estão familiarizados com a escrita e que compõem as diversas elites das sociedades da era moderna. Nos meios populares também se pode encontrar uma mesma pluralidade dos usos do impresso – com a diferença de que em tais meios os impressos nem sempre são livros. A leitura em voz alta feita por quem sabe ler para os que sabem menos bem ou nada constitui uma prática habitual, na cidade e no campo, por trabalho ou por lazer, ao acaso da rua ou entre companheiros de labuta (CHARTIER, 2009 [1986], p. 154).

Assim, novos modelos de comportamento e novas condutas culturais foram estabelecidas, sem eliminar as práticas antigas, mas transformando-as. O acesso à leitura e à escrita intensificou-se, possibilitando aos indivíduos produzirem e acumularem formas de arquivar a própria vida, seja com a escrita de si propriamente dita como, por exemplo, diários e correspondências, ou colecionando livros, jornais, revistas, papéis avulsos, cadernos, fotografias, objetos etc. O estudo sistemático dessas fontes arquivadas pode revelar importantes dados históricos, pois preservam a memória de uma determinada época, além de se tornarem o *locus* potencial para as pesquisas linguísticas, uma vez que permitem identificar os usos sociais da língua, bem como da renovação lexical. Biderman (1998) destaca que:

De fato, através do processo de educação social o homem adquire tanto a língua da sua comunidade como o seu vocabulário. Nessa aprendizagem o falante-aprendiz recebe da sociedade um produto acabado – a língua – que vem a ser o produto da experiência acumulada historicamente na cultura da sua sociedade. Essa cristalização da experiência

social tanto cultural como linguística é o ponto de partida e o fundamento tanto do pensamento como da linguagem individual (BIDERMAN, 1998, p. 104).

Entretanto, esse arquivamento linguístico que possibilita perceber as práticas de escrita e os usos sociais da língua de um determinado período é manipulado, tendo em vista que o sujeito é livre para escolher o que vai arquivar e a ordem dos acontecimentos, como se estivesse construindo a narração de sua própria história. Artières (1998) afirma que: “[...] a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas. Dessas práticas de arquivamento do eu se destaca o que poderíamos chamar uma intenção autobiográfica” (ARTIÈRES, 1998, p. 11).

A título de ilustração desse processo de “arquivamento do eu”, podemos citar os cadernos de anotações, também chamados de “livros de lugares-comuns”, que reuniam, além de transcrições de textos, apontamentos sobre a vida cotidiana. Essas informações eram agrupadas e reorganizadas à medida que novos fragmentos iam sendo acrescidos. Segundo Darnton (2009, p. 150), esse hábito se espalhou por toda a Inglaterra do início da era moderna, tanto entre os leitores comuns quanto entre autores conhecidos, como Francis Bacon, Ben Jonson, John Milton e John Locke. O hábito tornou-se uma maneira especial de absorver a palavra impressa, fundada na não linearidade e na fragmentação da informação.

Escrever livros de lugares-comuns era como costurar colchas de retalhos: produzia imagens, algumas mais bonitas que outras, mas todas interessantes a seu modo. Eles revelam padrões de uma cultura: os segmentos que a formaram, a costura que os uniu, os rasgos que os dividiram e o tecido comum a partir do qual foram compostos (DARNTON, 2009, p. 174).

Essa prática perdura até os dias atuais. Diversos estudos já foram realizados com base em anotações de cadernos e cadernetas utilizadas por escritores que observaram e pesquisaram o *usus scribendi* ou *dicendi* do seu tempo. Guimarães Rosa, por exemplo, em suas viagens, valeu-se de cadernetas como instrumentos de trabalho para gravar sensações, descrever tipos e paisagens, anotar expressões e brular outras tantas. Conforme Cavalcante (1996):

No caso das cadernetas de Guimarães Rosa, qualquer tipificação tem seus limites ainda mais diluídos. Quer as chamemos de cadernetas de viagem, “composites” ou diários, o que importa é que elas [...] participam da gênese da obra e, portanto, evidenciam a importância do seu estudo enquanto testemunhos da fase pré-redacional, método preconizado pela crítica genética para compreensão do processo de criação literária (CAVALCANTE, 1996, p. 236).

Percebe-se que as práticas sociais estão cada vez mais condicionadas à escrita. Para Certeau (2008 [1990]), “nos últimos três séculos aprender a escrever define a iniciação por excelência em uma sociedade capitalista e conquistadora. É a sua *prática iniciática* fundamental” (CERTEAU, 2008 [1990], p. 227). Infelizmente, esse progresso não alcança a todos. Muitos ficam à margem da sociedade por não saber ler e escrever, como assinala Certeau (2008 [1990]):

O domínio da linguagem garante e isola um novo poder, “burguês”, o poder de fazer a história fabricando linguagens. Este poder, essencialmente escriturístico, não contesta apenas o privilégio do “nascimento”, ou seja, da nobreza: ele define o código da promoção sócio-econômica e domina, controla ou seleciona segundo suas normas todos aqueles que não possuem esse domínio da linguagem (CERTEAU, 2008 [1990], p. 230).

Entretanto, mesmo quando não dominam a leitura e a escrita, os sujeitos, ao longo da vida, nas sociedades letradas, têm contato com o universo da escrita de alguma forma. Seja por uma necessidade circunstancial ou por uma exigência social, como os documentos de identificação. Assim, “para existir, é preciso inscrever-se nos registros civis, nas fichas médicas, escolares, bancárias” (ARTIÈRES, 1998, p. 12). Para garantir a sua identidade e os seus direitos civis, políticos e sociais, o indivíduo precisa manter os registros de suas vidas. Ele é impelido a compor o que Artières chama de *curriculum vitae*.

O que é um *curriculum* senão o inventário dos nossos arquivos domésticos? A data de nascimento remete à certidão de nascimento, o estado civil ao registro civil, a nacionalidade ao passaporte, endereço e telefone a um contrato de locação e a uma conta de telefone, nível de instrução ao conjunto dos diplomas, experiência profissional aos contracheques. Um *curriculum* é uma autobiografia resumida, um sumário: só traz o essencial (ARTIÈRES, 1998, p. 13).

Essa injunção social abrange o conjunto da vida do indivíduo e compõe uma memória selecionada. De acordo com P. Barreiros (2013):

Isso não tira os méritos da documentação como importante objeto de estudo, muito pelo contrário, essa memória documental não perde o seu *status* de fonte. Esses documentos são o resultado de uma triagem feita por um indivíduo mediante algum critério que varia ao longo do tempo. [...] Por isso, os acervos estão necessariamente vinculados à vida, por suas travessias sinuosas, trazendo sempre as marcas de uma experiência (BARREIROS, P., 2013, f. 34).

Assim, seja um cidadão comum ou pessoas de destaque social, político ou cultural, todos formam seus acervos e felizmente alguns deles encontram-se dispostos a cuidar desses documentos e torná-los disponíveis para estudiosos e pesquisadores. Segundo Venâncio (2004, p. 112), cada documento do arquivo pessoal torna-se um desafio, um objeto singular a ser decifrado, tanto em suas condições de produção, quanto na sua organização discursiva. Aspecto este, bem significativo, pois esses acervos pessoais preservam uma porção da língua, um recorte dos usos linguísticos do titular e, principalmente, de uma comunidade. Os cadernos e os manuscritos avulsos, por exemplo, evidenciam os processos escriturísticos e os usos linguísticos, constituindo um *corpus* substancial de um determinado período da história, tendo em vista que “[...] la reflexión sobre la lengua sólo es posible gracias a la escritura”¹ (TEBEROSKY, 1998, p. 15). As cartas e fotografias, por sua vez,

¹ Traduzindo: “[...] a reflexão sobre a língua só é possível graças à escrita”.

contam muito sobre o momento histórico e a vida do titular. A biblioteca demonstra seus interesses de leituras, o gosto pessoal e também as tendências e o desenvolvimento editorial de uma época.

Os acervos são constituídos de documentos relativos à vida dos seus titulares (documentos pessoais, fotografias, livros, objetos etc.) e à obra, no caso, de escritores. Nesse sentido, tendo em vista que a sua matéria-prima é a palavra, destaca-se a relevância dos manuscritos e dos datiloscritos nos mais diversos suportes, pois registram as experimentações linguísticas do autor. Para o escritor José de Alencar (1960):

[...] todo o homem, orador, escritor, ou poeta, todo o homem que usa da palavra, não como um meio de comunicar as suas idéias, mas como um instrumento de trabalho; todo aquele que fala ou escreve, não por uma necessidade da vida, mas sim para cumprir uma alta missão social; todo aquele que faz da linguagem, não um prazer, mas uma bela e nobre profissão, deve estudar e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento de sua atividade. / A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com toda a fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de todas as graças, e de todas as formas necessárias para fascinar o espírito (ALENCAR, 1960, p. 889-890).

Na Bahia, tem-se o exemplo do escritor Eulálio de Miranda Motta, que escreveu durante mais de sessenta anos, deixando um grande legado de manuscritos editos e inéditos. Esse considerável acervo é composto por cadernos, diários, cadernetas, papéis avulsos, cartas, fotografias, esboços de projetos editoriais, coleções de jornais, panfletos e cédulas antigas, documentos de identificação, o diploma de farmacêutico concedido pela Faculdade Baiana de Medicina em 1933, livros da sua biblioteca particular e objetos pessoais, que foram guardados cuidadosamente por seu titular. O acervo do escritor é uma fonte significativa de informações sobre a sua história e revela um sujeito que exerceu uma influência social, política, linguística e literária na cidade de Mundo Novo-BA.

2 EULÁLIO MOTTA, SEU ACERVO COMO UMA FORMA DE CONSTRUÇÃO DO EU

Esses documentos e objetos só foram encontrados onze anos após o falecimento de Eulálio Motta, em 1999, por Patrício Nunes Barreiros, a quem a família doou todo o acervo para fins de estudos, pesquisa, preservação e divulgação. Segundo P. Barreiros (2013):

[...] o acervo pessoal do escritor Eulálio de Miranda Motta pode ser entendido como uma modalidade de produção do eu, capaz de esboçar os itinerários daquele que se arquivou, configurando-se como lugar privilegiado de suas memórias. Esse acervo revela as identidades do escritor e esboça também o quadro sócio-histórico das práticas culturais de leitura e de escrita de um sujeito que atuou num tempo e lugar específicos (século XX no interior da Bahia) (BARREIROS, P., 2013, f. 35).

O acervo de Eulálio Motta foi organizado, catalogado e sistematizado por Patrício Barreiros, que lhe atribuiu uma dinamicidade ao trazer à tona um escritor

não canônico, por meio de diversas perspectivas de estudos de sua vida e de sua produção literária, especialmente com a edição filológica dos textos. Esse trabalho tem possibilitado a publicação de obras inéditas e de obras editas, que estavam fora de circulação, e tem contribuído para a memória literária e histórica do sertão baiano ao revelar um escritor de importante atuação na sociedade mundonovense. Além disso, a diversidade de documentos que integram o acervo de Eulálio Motta permite compreender como a sociedade tem construído e transmitido os significados que atribuem às palavras e às coisas, tendo em vista que a aparente naturalidade do uso cotidiano da palavra camufla a complexidade e o potencial da língua. Segundo Azeredo (2008):

[...] há outras dimensões do uso da palavra, onde o mundo não está pronto mas precisa ser criado, onde as frases e os sentidos não estão disponíveis como produtos nas gôndolas e prateleiras do supermercado, mas, pelo contrário, precisam ser elaborados. Esta é a dimensão em que se movimentam todos aqueles que têm desafios pela frente, que precisam ir além da realidade já construída e aparente, buscando, sob a superfície confortavelmente constante da fala de todos os dias, as pistas, as brechas, os atalhos que nos dão acesso a territórios e objetos que aguçam nossa percepção, renovam nossas emoções e estendem nossos horizontes de compreensão e de comunicação. É nessa dimensão que a palavra assume o caráter de uma sofisticada tecnologia a ser adquirida e dominada (AZEREDO, 2008, p. 58).

Como um intelectual engajado e a frente do seu tempo, Eulálio Motta fez uso de uma escrita elaborada. Das linhas de seus cadernos e papéis avulsos, transpõem memórias, sensibilidade, conhecimento, pesquisa e erudição. Ele soube dialogar com vários interlocutores, de diferentes camadas sociais. Reelaborava o seu discurso, quando necessário, tornando-se o porta-voz da comunidade, como se pode observar no panfleto *Ontem, hoje, amanhã...*:

Leitores dedicados de meus folhetos de “escriba da roça” me pedem para escrever comentando o que aconteceu aqui hoje. Era minha intenção não comentar mais nada das misérias da política local. Não pretendo, pois, comentar. Mas, apenas, dizer com o máximo possível de síntese [...] (MOTTA, 2015a [1974], p. 278).

Eulálio Motta, assim como muitos escritores, utilizava-se de cadernos e de cadernetas para fazer vários tipos de anotações. A princípio, intitulava-os para um objetivo específico, mas sempre os reutilizava, com a finalidade de documentar e armazenar ideias que poderiam ou não ser utilizadas na composição de novos textos. Passava a limpo seus rascunhos, fazia listas de nomes próprios, nomes atribuídos ao gado, palavras e cantigas que ouvia dos trabalhadores da fazenda, elaborava discursos para a plataforma política, anotava expressões, as pendências comerciais, as receitas de remédio que prescrevia, endereços e comentários diversos. Por vezes, improvisava o suporte da escrita, utilizando papéis avulsos, embalagens, pedaços de papelão, guardanapos e, em seguida, guardava-os dentro de seus livros e cadernos. Os vestígios deixados em seu acervo revelam um permanente pesquisador da vida e do cotidiano das pessoas a sua volta. Segundo P. Barreiros (2012):

Os cadernos e cadernetas de Eulálio Motta são verdadeiros palimpsestos, tesouros de informações. Ele sempre retornava aos seus textos para lapidá-los, corrigindo-os, acrescentando palavras. Às vezes um texto é retomado sessenta anos após a sua primeira escrita, num processo de burilamento ou absorvendo-o num novo texto. Os espaços em branco nas folhas dos cadernos são utilizados sempre que surge a necessidade de escrever, por isso, é comum encontrar camadas de textos sobrepostos (BARREIROS, P., 2012, p. 25).

Eulálio Motta conservou em seu acervo 15 cadernos, que foram escritos entre as décadas de 1920 a 1980. Esses cadernos representam verdadeiros laboratórios do escritor, pois registram o aperfeiçoamento dos textos, as substituições de palavras e evidenciam um repertório lexical rico e diversificado, escolhido em função do entendimento de seu público leitor. Eles participam da gênese das obras editadas e inéditas e são testemunhos do processo de criação autoral. A partir da leitura desses cadernos, é possível acompanhar a atividade intelectual e artística do escritor durante seis décadas e a elaboração de projetos de publicações de livros, pois neles se encontram esboços de índices e prefácios.

O estudo da documentação do acervo de Eulálio Motta permite traçar os perfis do escritor e seus diversos itinerários como: poeta, cronista, panfletário, político, religioso, familiar etc., pois “a escrita registra até as mais íntimas pulsões do escriba e restitui a marca profunda de sua natureza e de sua personalidade inserida em um clima social e cultural” (MANDEL, 2006 [1998], p. 173).

Como poeta, Eulálio Motta confessou o amor impossível por uma jovem. Descreveu uma vida marcada por impossibilidades, vítima da ação implacável do tempo, o saudosismo dos lugares e os momentos marcantes da infância, como no soneto *Sentimentalismo*:

SENTIMENTALISMO

Quando eu voltar por lá, mui diferente,
já muito envelhecido e mui cansado,
ruas e casas, tudo, certamente,
hei de encontrar como eu muito mudado!

Aquela esquina e aquela casa em frente,
onde em tempo feliz de namorado
eu passava, serão, naturalmente,
sombras, relíquias, a alma do passado...

Memória morta, hei de lembrar, no entanto,
aquele amor que vi tremer, desfeito,
dos olhos dela sob o véu do pranto!...

Então, velhinho, sem poder, doente,
tanta saudade sufocar no peito,
hei de chorar amarguradamente! (MOTTA, 2012 [1929], p. 138).

Como cronista, Eulálio Motta descreveu o cotidiano da cidade de Mundo Novo, as dificuldades vivenciadas pelo homem do campo, os acontecimentos políticos locais, nacionais e internacionais, criticou, expôs suas ideias e inquietações

ideológicas, lutou pela defesa da moral, da família cristã e dos bons costumes. Ele reconhecia o poder denunciativo de sua pena em seus próprios textos: “[...] Só nos resta, pois, transformar a nossa pena em máquina fotográfica para fotografar e exibir em crônicas como esta, as podridões marcantes de sua passagem pelo poder em nosso município, para grande vergonha desta terra” (MOTTA, 2015 [1967], p. 266).

Enquanto cordelista, resgatou aspectos da cultura sertaneja, satirizou políticos e referiu-se a circunstâncias diversas da sociedade mundonovense, exercendo uma importante função social. Seus cordéis de teor denunciativo eram curtos e de caráter panfletário, como em *O Telefone* e *Nossa Telé*, por exemplo. Nos cordéis abaixo, Eulálio Motta critica a falta de providências, por parte do prefeito Ederval Neri, para resolver o problema do telefone e da televisão na cidade.

O TELEFONE

E o telefone não vem...
Mundo Novo assim não vai!
Sai prefeito entra prefeito
E o telefone não sai!

“Dentro de noventa dias”
Diz Miquinha, “a coisa vai!”
E vão-se os noventa dias
E o telefone não sai...
[...]

O Mundo Novo está orfão!
Orfão de mãe e de pai!
É por isto certamente,
Que o telefone não sai...
Eminente Dr. Alfa,
Deste órfão queira ser pai!
Pois do contrário, Dr.,
O telefone não sai!

Liota (MOTTA, 2015b [1977], p. 289).

NOSSA TELÉ...

A chuva está sendo pouca...
Apenas borriфа o chão...
Aqui só não falta chuva
Na nossa televisão...

É piada e nada mais
A nossa televisão,
Com treme-treme e ruído
Só nos tráz desolação.
[...]

Não acredito que possam
Nos trazer televisão

Se não nos trouxeram antes
A nossa sub-estação.

Sem esta tudo é debalde...
Bolodório... lero-lero...
A telé sem energia,
Por Deus do céu que não quero!
LIOTA (MOTTA, 2015a [1977], p. 290).

O cenário de sua escrita é marcado por lugares que compõem a sua história, como as fazendas Vaca Parida e Morro Alto, a vila Alto Bonito, o distrito de Itabira (região conhecida como Mucambo dos Negros, no município de Miguel Calmon-BA) e as cidades de Monte Alegre, Jacobina, Mundo Novo e Salvador. Geralmente com tom humorístico, Eulálio Motta registrava a cultura popular do sertão, tanto em seus aspectos sociais quanto linguísticos, como no causo *Vida sertaneja I*:

O impaludismo, a verminose, a seca, o governo, e outros males, não deixam o sertanejo que trabalha tomar pé na vida. Entre estes outros males, está o sertanejo preguiçoso e vagabundo que vive de gatunagem na roça dos que trabalham.
É tudo isto que o sertanejo trabalhador exprime quando canta:
“Eu vou dá pra vadiá
“Que os vadio tomém come.
“Toda vida eu trabaei
“E sempre morreno de fome.” (MOTTA, 2016 [1933], p. 81).

As primeiras publicações de Eulálio Motta são datadas de 1927. Nesse período, ele estudava em Salvador, onde fazia o curso preparatório para a faculdade e teve a oportunidade de conviver com grandes nomes da literatura brasileira como Jorge Amado e Adonias Filho, por exemplo. Até 1929, sua produção foi bastante intensa. Ele publicou sonetos de cunho parnasiano-simbolista nas principais revistas e jornais da época, como: *A Luva*, *Renascença*, *Vanguarda*, *O Imparcial*, *Caderno da Bahia*, *Diário de Notícias* e *A Tarde* e dois livros de poesias: *Ilusões que passaram...* (MOTTA, 1931a) e *Alma enferma* (MOTTA, 1933a).

O livro *Alma enferma* teve grande repercussão na imprensa. Foi comentado pelo crítico literário Carlos Chiacchio, no jornal *A Tarde*, na edição do dia 26/10/1933 e por Egberto de Campos, no *Diário de Notícias*, na edição do dia 27/10/1933: “É um livro de versos, meio-sério, meio-humorista. Mas, em todo-caso, interessante. Que a gente lê com agrado. Há versos, em que a verve salta espontânea e livre como água da fonte” (CAMPOS, 1933, p.4). Em *O Imparcial*, de 29/10/1933, o literato Floriano Mendonça comenta:

O livrinho que elle acaba de publicar é um mimo de finura espiritual. ‘Alma enferma’ é destinado aos enfermos do corpo, porque em beneficio de um hospital de pobres... Um enfermo de alma promove a cura de enfermos de corpo... Isso é bondade, porque a alma é muito mais difficil de curar... Alma enferma e boa, doente e sã, aquella alma de poeta! (MENDONÇA, 1933, p. 2).

Em *O Lيدador*, Nemesio Lima, editor do jornal, corrobora as demais declarações e o valor da obra, ressaltando o retorno para a sociedade mundonovense, visto que as vendas beneficiariam a construção de um hospital na cidade:

Acabamos de receber alguns exemplares do segundo livro dado á publicidade, na capital do Estado, pelo nosso talentoso colaborador e amigo *Pharmaceutico* Eulalio Mota, que tem sido, por esse motivo, alvo dos mais expressivos encomios, quer por parte da imprensa, quer pelos mais autorisados intelectuaes bahianos.

Editado em benefico da construção do “Hospital Rosa-Cruz”, que se pretende levantar em Mundo Novo, o livro de Eulalio Mota tem duplos motivos de ser acolhido pelo publico ledor (LIMA, 1933b, p. 4).

Eulálio Motta dedicou-se à atividade jornalística durante grande parte de sua vida. De 1931 a 1932, ainda residindo em Salvador, foi responsável pela coluna permanente *Rabiscos*, do jornal semanário *Mundo Novo*. Nesta coluna, ele narrava suas experiências da infância e adolescência vividas na Vila Alto Bonito e na Fazenda Morro Alto, suas impressões da capital e das visitas que fazia a Mundo Novo, comentava acontecimentos políticos, satirizava comportamentos etc., como em *Mania*:

“Cada doido tem a sua mania.” É um fato. Eu, por exemplo, tenho a minha mania: a mania de lêr. Gósto de ler. Gosto, de verdade. Gósto tanto que posso até dizer como aquela cantiguinha popular: “Gósto que me enrosco.” Na Bahia não me é difícil alimentar este gósto. [...] Mas aqui na roça a cousa muda de aspecto. Livro bom aqui é ave rara. Para remediar esta falta, tenho feito o seguinte: lido jornais velhos. Das gavêtas não me escapa um jornal velho, e dos jornaes velhos não me escapam nem os annuncios. Vejam, por exemplo, que sabor gostoso o dessa nota que li no “Mundo Novo” de 10 de junho de 1927: “Pelos competentes construtores do trecho da estrada de ferro de França à Barra foi marcada nestes ultimos dias a estação deste ultimo ponto começando em breve a construção da mesma. Pelo grande esforço empregado pelos construtores è de esperar-se que em dezembro proximo ouçamos o silvar da locomotiva na futura estação da Barra, que terá o nome de *estação Ministro Vítor Konder em homenagem ao grande estadista que ora dirige a pasta da riação*. (o grifo é nosso.) Não está gostoso? Como todos sabemos, sua Excelencia, o Konder, ha muito se acha no exilio. E se alguma estação foi inaugurada mercê da influencia do “grande estadista”, deve ter sido na China, de modo que nós, mundonovenses, perdemos de assistir a solenidade da inauguração... Que pena! (MOTTA, 1932b, p. 4).

No jornal *Mundo Novo*, Eulálio Motta publicou textos de tom humorístico e trovas populares, as quais ele assinava com o pseudônimo de Liota. Esta perspectiva de humor contrapõe-se aos versos melancólicos de tristeza e desesperança de sua poesia, nos quais o escritor adotava pseudônimos como “Um João Ninguém” e “Brás Cubas”. Esta mudança ocorreu devido à influência do Modernismo. A partir de 1931, pressionado pelas propostas do movimento modernista, Eulálio Motta buscou novos caminhos para a sua poesia e exercitou com mais afinco a tendência humorística. Num texto dirigido a Liberato Miranda, publicado em 23 de outubro de 1931, Eulálio Motta, sinaliza os novos rumos que pretendia dar a sua poesia, afastando-se dos versos tristes e melancólicos:

Muito obrigado por tuas palavras sobre as minhas ilusões que, felizmente, passaram... “Mas isso de tristeza... era uma vez”... [...] Essa história de tristeza talvez fosse boa cousa nos tempos do finado Casemiro, como diria o Torres. Mas atualmente, tristeza é uma cousa chata, e ridícula. [...] Nada de choradeiras poéticas ou não. Nada de cantilenas de pranto. Nada de dengüices do coração, incabíveis no momento dinâmico do século. Infelizmente, só muito tarde abri os olhos á realidade. Fui doente, maluco, até bem pouco tempo. Consola-me porem a consciencia de que minhas maluquices foram *Ilusões que passaram...* [...] Mudei, ha pouco, as cordas da lira. Estou, agora, afinando-as, ageitando-as, treinando os dedos a novo som, para, então ver se canto qualquer cousa” (MOTTA, 1931d, p. 2).

Contudo, foi, em 1933, quando concluiu o curso de Farmácia e retornou a Mundo Novo, que efetivamente seus sonetos deram lugar ao verso livre e relacionado ao cotidiano. No final do referido ano, ele mudou-se para o distrito de Itabira, região conhecida como Mucambo dos Negros, uma pequena comunidade remanescente de quilombo do município de Miguel Calmon, onde abriu uma farmácia e colecionou motivos para escrever seus textos. Ele observava o comportamento dos trabalhadores rurais, desde a maneira como se comunicavam, as suas tradições e crenças, e anotava em seu caderno. Em seguida, escrevia causos. A culminância desse trabalho está no caderno *Bahia Humorística*, um projeto de livro de causos engraçados referentes à vida sertaneja na Bahia, que retrata com riqueza os costumes do povo do sertão baiano, evidenciando uma linguagem rica e diversificada (BARREIROS, L., 2012).

Os acontecimentos narrados por Eulálio Motta nos causos tratam de episódios exemplares ou representativos dentro do universo de valores e crenças da comunidade. Os causos deixam transparecer a visão que o autor tinha da vida cotidiana, sobre aspectos políticos e socioculturais, como, por exemplo, no fragmento do causo *Na colheita do café*:

- O Venancio botou o fio na escola do Pé do Morro.
- Impusturia. Pabulage de póbe que qué se metê a rico.
- Não, seu José. Sabê lê bem qui serve. Vomicê devia era mandá o Joaquim tambem pra mode aprende iscrevê o nome.
- Gente, eu nunca aprendi a lê não mais tou vivo. Não sê pra que deabo pobe qué lê!
- Bem qui serve, seu José! Oi, seu Filipe ali da Laguinha sabê a lê, é inleitou, e toda vês qui tem inleição êle ganha um pá de sapato pra mode votá. Bem qui serve (MOTTA, 2016 [1933], p. 90).

A experiência com o universo rural, desde a infância, exerceu grande influência na escrita de Eulálio Motta. Para ele, o cotidiano da gente simples do campo era uma importante fonte de inspiração. Há indícios que comprovam isso no causo *Sêca*:

[...] Fui á casa do Grilo, antes de começar a reza. A casa estava cheia de mulheres e meninos; e o terreiro repleto de homens e rapazes, assentados em paus espalhados no terreiro ou de cocoras em tórno da fogueira. Havia rapazes engravatados e cabrochas de meias e fita no cabelo melado de oleo de côco. Aqueles caem no samba e estas caem na “roda”.

Não tive de paciência de me demorar, perdendo, assim, ótima oportunidade de uma boa colheita. Durante os poucos minutos que lá estive ouvi Juvencinho:

– Tá cum quato mêis qui limpê terra e abri cova pra prantá mãedoca e inté hoje ispero / pur terra moiada! Tá lá do menmo gitinho de quando limpê – sêca, isturricada. Pur chuva parece qui nan móia não. Eu tou veno qui só dano pra mijá nas cova! (MOTTA, 2016 [1933], p. 152-153, grifo nosso).

De 1933 a 1942, Eulálio Motta foi colaborador do jornal *O Lídador*, de Jacobina. Ele tinha uma estreita amizade com Nemésio Lima, diretor-proprietário do jornal. Seu retorno à terra natal, diplomado em farmácia, foi noticiado pelo amigo na primeira página da edição de 1º de dezembro de 1933:

EULALIO MOTA

Pela Faculdade de Medicina na Bahia acaba de ser diplomado em farmacia o distinto moço, nosso excelente amigo, Eulalio Mota, um dos mais talentosos e esforçados filhos de Mundo Novo.

Ufanosos também, pelo auspicioso acontecimento, mandamos ao Eulalio Mota, que vê, realizada, uma das suas maiores aspirações, o *nosso* nosso abraço de felicitações, almejando-lhe pleno êxito no desempenho da humanitária profissão que abraçou (LIMA, 1933a, p. 1).

Foi no jornal *O Lídador* que Eulálio Motta assumiu o discurso político, em defesa de seus ideais. Inicialmente, foi ateu e simpatizante do comunismo, mas, após ouvir os discursos proferidos por Plínio Salgado em Salvador, filiou-se à Ação Integralista Brasileira (AIB), no final do ano de 1933, e dedicou-se aos estudos da doutrina integralista. Segundo P. Barreiros (2013):

A AIB foi antes de tudo um movimento intelectual de representantes da classe média. Desse modo, Eulálio Motta reunia as qualidades exigidas para ser um bom membro da AIB. Era jovem, apresentava uma veia literária e jornalística, pertencia à classe média e tinha disposição para o estudo dos fundamentos da doutrina integralista que demandava muita leitura (BARREIROS, P., 2013, f. 81).

Eulálio Motta lançou-se como combatente fervoroso em favor da AIB, assumindo suas convicções publicamente, conforme afirmou Nemésio Lima, no texto *Pharmaceutico Eulálio Mota Integralista de convicções*:

Sob os maiores aplausos por parte de quantos tiveram a felicidade de escuta-lo, o nosso talentoso colaborador e grande amigo, Farmaceutico Eulálio Mota, realizou, em Mundo Novo, onde ele é geralmente estimado, duas empolgantes conferencias sobre o Integralismo, doutrina que defende com amor e entusiasmo (LIMA, 1934, p. 2).

O primeiro texto que Eulálio Motta publicou, admitindo o lugar de militante integralista, foi *O Integralismo vencerá!*, em 29 de dezembro de 1933:

Eu nunca fui político. Nunca pertenci a esse ou aquele partido [...] E nunca fui partidário porque em todo partido eu via os conchavos indecentes, os acordos, camaradagens, lutas vergonhosas pelos cargos, os choques de interesses pessoais, os fuchicos, as intrigas, as rixas, o despudor, a falta de vergonha e o desinteresse completo pelo Brasil. [...] Eu, entretanto, moço [...] procurava um caminho para seguir. Foi isso

que me levou a leitura dos livros sobre comunismo. [...] No comunismo encontrei ideal porque no comunismo há ideal. Era a primeira vez que eu encontrava um ideal. Natural, portanto, que eu me fizesse escravo dele. Agora, porém, que surge este Sol que é o Integralismo, este movimento formidável que está impregnando toda a mocidade do Brasil; agora, que o Integralismo surge mostrando com inteligência, com cultura [...] o fracasso completo da Liberal Democracia e os abusos do ideal comunista, não me era possível “ficar onde estava”. Errar é humano. Permanecer no erro, por capricho pessoal, é estupidez. E a estupidez é própria dos burros. E eu não sou burro. Por isso é que [...] *passai para o campo do combate ao comunismo. Sou integralista por uma questão de inteligência, de sinceridade. E pelo integralismo lutarei até o fim, com desinteresse de minha própria vida!* No integralismo só há um interesse - O Brasil. O Integralismo há de arrancar o Brasil das garras dos politiqueiros inconscientes! (MOTTA, 1933b, p. 1, grifo nosso).

Entre 1933 e 1936, Eulálio Motta intensificou sua ação no cenário político de Mundo Novo e nas regiões circunvizinhas com diversas publicações de panfletos e realização de palestras, propagando os ideais integralistas. Ele escreveu largamente sobre os conceitos de democracia cristã, liberdade, liberalismo, totalitarismo e socialismo. Tornou-se um dos responsáveis pela divulgação da doutrina de Plínio Salgado na região de Mundo Novo. A participação de Eulálio Motta no movimento político da AIB foi decisiva para a sua formação intelectual.

Na Bahia, a Ação Integralista Brasileira teve forte adesão no meio estudantil, tanto universitário quanto secundarista, fundando núcleos na Faculdade de Direito, na Faculdade de Medicina e em importantes escolas como o Carneiro Ribeiro, Salesiano, Ginásio da Bahia e no Ginásio Ipiranga. Eulálio Motta participou do núcleo da Faculdade de Medicina, mas mantinha ligações com o do Ginásio Ipiranga, onde tinha laços de amizade com o diretor-proprietário Isaías Alves (BARREIROS, P., 2013). No final de 1933, ele fundou um núcleo integralista em Mundo Novo, mas teve que ser cauteloso para não entrar em choque com a política local. Desse modo, o grupo não teve grandes projeções.

De 1936 a 1938, os integralistas foram intensamente perseguidos e todos os núcleos da AIB foram fechados. “Após a intentona de 11 de março de 1938, os integralistas passaram a ser vigiados de perto pelo Estado Novo” (BARREIROS, P., 2015, p. 56). Durante o Estado Novo, qualquer ideia contrária ao Governo era um ato subversivo. Assim, a maioria dos jornais fecharam as portas para os ex-integralistas, principalmente para aqueles que ainda sustentavam suas convicções e juravam fidelidade. Eulálio Motta, integralista por convicção, como o definiu Nemésio Lima, não mais publicaria nos jornais textos sobre questões políticas até o fim do Estado Novo e a reabertura dos partidos políticos, em 1945.

A doutrina integralista pautava-se em três pilares básicos: Deus, Pátria e Família. Os membros da AIB precisavam moldar sua conduta nos valores religiosos, patrióticos e familiares. Assim, Eulálio Motta buscou uma religião que lhe agradasse, convertendo-se ao catolicismo em 1º de outubro de 1940. Transformou esse acontecimento em motivo para escrever poesias, panfletos e crônicas em jornais, anunciando a notícia e propagando a sua fé:

PRECE...

(No meu trigésimo quarto aniversário – o primeiro depois da minha volta à “Santa Igreja Católica Apostólica Romana.”

Contemplo com tristeza e desalento
Esses trinta e quatro anos que vivi!
Encho minh'alma de arrependimento
Por tantos erros que já cometi.

Vivi longe de Deus! Neste momento,
Nenhuma só saudade me sorri!
Perdoai-me, Senhor! o atrevimento,
Com que, – pobre de mim! – vos ofendi!

Eis-me de novo em vossa Santa Igreja!
Que eu nunca mais, ó meu Jesus, me veja
Longe de Vós, em toda a minha vida!

Ó meu doce Rabi de Nazaré!
Crescei cada vez mais a minha Fé!
Perdoai a minh'alma arrependida! (MOTTA, 2012 [1941], p. 152).

Durante o período que não pode atuar no campo político, Eulálio Motta direcionou a sua escrita para a religião. Publicou panfletos polêmicos criticando o espiritismo e o protestantismo e propagando o catolicismo como sua religião. “Foi assim que surgiu o *pasquineiro da roça*, expressão utilizada por Eulálio Motta para se definir enquanto panfletário” (BARREIROS, P., 2013, f. 19).

Apesar dos ataques ao Estado Novo, o escritor mundonovense não representava uma ameaça ao governo e por isso não sofreu qualquer represália. Mas seu irmão Durval Motta, que ocupava o cargo de prefeito de Cachoeira, foi preso, acusado de conspirar contra Getúlio Vargas e de associação ao integralismo. Diante do sofrimento de sua família, Eulálio Motta recuou, reconhecendo publicamente o Estado Novo, a importância da figura de Getúlio Vargas e assumiu um discurso de antigo integralista.

Até 1945, Eulálio Motta dedicou-se à poesia e às crônicas do cotidiano, concentrando-se no tema religioso, em prol da Ação Católica. Publicou textos em jornais e escreveu diversas narrativas em seus cadernos com o propósito de defender o catolicismo como modelo de religião, criando uma imagem de bom católico para redimir o antigo discurso de ateu. Em *O que importa*, ele afirma:

Leitor: – entre a Ressurreição e a reencarnação; entre Jesus e Kardec, não titubeio: – fico com Jesus. Podem os “sabidos” fazer chacotas e me chamarem de carôla. Não importa. O que importa é a Fé dos Apostolos. E eles rezavam assim: – “Creio na Santa Igreja Católica, na comunhão dos Santos, na remissão dos pecados, na RESSURREIÇÃO da carne, na vida eterna. Amen (MOTTA, 2015 [1949], p. 254).

No final do ano de 1945, após a criação do Partido da Representação Popular (PRP), por Plínio Salgado, Eulálio Motta voltou à militância política e a questão religiosa foi atenuada. Juntamente com um grupo de “ex-integralistas”, fundou um núcleo do PRP em Mundo Novo e elaborou um plano de ação pautado nos ideais do Integralismo. Apesar de ter poucos filiados, o partido funcionava e cumpria os diversos protocolos exigidos pela diretoria nacional. Nesse período, Eulálio Motta

intensificou seu trabalho de panfletagem como estratégia política para divulgar textos instrutivos e fazer propaganda do partido. Iniciou sua participação no jornal *O Serrinhense* e colaborou ativamente nos jornais *Gazeta do Povo*, *Folha do Norte* e *Vanguarda*.

Na sociedade mundonovense, havia pouca adesão a partidos políticos por convicção ideológica, geralmente as pessoas filiavam-se aos partidos por interesses pessoais, por identificação às personalidades à frente do partido, ou ainda por indicação dos grandes fazendeiros da região. Essa situação incomodava bastante Eulálio Motta, que defendia uma política baseada em princípios filosóficos e orientações doutrinárias. No sentido de ‘orientar’ a população, ele assumiu um discurso pedagógico, escrevendo panfletos e discursando em favor de uma mudança de mentalidade e do comportamento político das pessoas da cidade:

Tenha ou não tenha jeito, precisamos gritar, escrever, publicar, escandalizar! Se outra utilidade não houver, servirá, pelo menos, como um desabafo, o que não deixa de ser uma utilidade: — utilidade psicológica. E dela me sirvo com uma pontinha de esperança de que um jeito vem aí! (MOTTA, 2015 [1966], p. 263).

A partir de sua ação panfletária, Eulálio Motta teve uma intensa participação na política de Mundo Novo e seus textos contribuíram para aquecer os calorosos debates e disputas pela prefeitura da cidade.

A situação político-partidária na Bahia para as eleições de 1947 era ambígua, porque o candidato Otávio Mangabeira recebia apoio tanto dos perrepistas quanto dos comunistas, grupos ideologicamente antagônicos. Nesse mesmo ano, Eulálio Motta candidatou-se a deputado estadual, mas não foi eleito. A legenda do PRP conseguiu eleger apenas um deputado para a Câmara Estadual, o serrinhense Ruben Nogueira. Otávio Mangabeira foi eleito para governador da Bahia e Numa Alves Barreto para prefeito de Mundo Novo, que geriu a cidade num clima de tranquilidade, pois não havia movimentos de oposição.

Nesse ínterim, Eulálio Motta publicou seu terceiro livro de poesias, intitulado *Canções de meu caminho...* (MOTTA, 1948). Em 1949, os perrepistas ventilaram a possibilidade de Plínio Salgado ser candidato a Presidente da República. Havia a esperança de que o ‘Chefe’ finalmente teria o reconhecimento merecido. Diante dessa possibilidade, Eulálio Motta reativou as atividades do partido em Mundo Novo, aproveitando o clima de indefinição dos partidos no âmbito estadual para as eleições de 1950. No entanto, sofreu uma grande frustração, após a confirmação de que Plínio Salgado não iria concorrer para presidente e de que o PRP apoiaria a candidatura do brigadeiro Eduardo Gomes. Eulálio Motta recusou-se a apoiar o candidato, restando-lhe apenas o silêncio, já que o outro candidato era Getúlio Vargas, que no passado havia perseguido os integralistas.

O silêncio de Eulálio Motta durou pouco. A emancipação do município de Piritiba, em 27 de setembro de 1952, trouxe à tona o polêmico panfletário. Inconformado com a divisão do território, porque a fazenda Morro Alto, de sua propriedade, deixaria de pertencer a Mundo Novo, ele assumiu o compromisso de anular o decreto, apelando para todas as instâncias:

As raposas de todos os matizes da politicalha se entendem, se harmonizam, se “macomunam” quando tratam de reduzir o meu torrão a simples mercadoria de suas negociatas imundas. Publiquei, tin tin por tin-tin, todas as tramas dessas raposas: das que assaltaram, das que estão assaltando e das que venham pretender assaltar o meu torrão (MOTTA, 1960, p. 2).

Eulálio Motta escreveu diversos panfletos, publicou notas em jornais, enviou cartas ao Presidente da República, ao Governador do Estado e a vários deputados. Além disso, entrou com uma representação no Supremo Tribunal Federal, sendo ele mesmo o redator dos argumentos jurídicos, alegando inconstitucionalidade, visto que o decreto violou a autonomia municipal e a Constituição Federal, ao criar o novo município sem aprovação da Câmara de Vereadores e do prefeito, ou seja, sem discutir os limites geográficos do novo município.

Para Eulálio Motta, a emancipação de Piritiba era um jogo político em troca de votos. Em 1955, o debate territorial intensificou-se porque, segundo P. Barreiros (2013): “o Supremo Tribunal Federal suspendeu o decreto que criava o município de Piritiba e o governador Antônio Balbino garantiu aos piritibanos que não dissolvessem a prefeitura porque ele restituiria o decreto” (BARREIROS, P., 2013, f. 100). Em 1958, às vésperas das eleições, o Governador do Estado publicou o decreto que autorizava a definitiva criação do município de Piritiba, baseando-se num parecer do Supremo Tribunal Federal.

Decepcionado, Eulálio Motta retomou a batalha judicial contra o referido decreto e proferiu duras críticas ao governo por meio de panfletos. Ele conclamava os seus interlocutores para erguerem a bandeira de seus ideais sociais, políticos e religiosos:

Mundonovenses! Mostremos que temos vergonha na cara não votando no vendedor de pedaços de nosso torrão, negando nosso apoio ao péssimo, ao derrotado candidato dos entreguistas que pretendem entregar a nossa Pátria ao domínio ateu e sanguinário do imperialismo russo (MOTTA, 2015 [1962], p. 257).

Consta nos documentos do acervo que ele escreveu mais de sessenta panfletos sobre essa temática, embora tenha sido preservado apenas um impresso *Cegos...*:

[...] tramaram com políticos interessados nos seus votos, uma linha divisória invadindo os distritos de Tapiramutá, Alto Bonito e Sede de Mundo Novo. Alegavam eles que tais limites lhes foram concedidos por políticos em Mundo Novo e não usurpados por eles, piritibanos. Mas a verdade é que os políticos citados por eles não estavam autorizados pela Câmara de Vereadores ou pelo povo, para tal transação. E, por coincidência notável, já destacada por mim em folhetim anterior, nenhum dos 3 políticos citados por eles é mundonovense! [...] E quando Mundo Novo protesta contra apropriação ilegal de áreas de seu território, o ódio dos apropriadores espuma e se derrama em ameaças, inclusive de assassinios. É o caso do sujeito que invade a propriedade alheia, gritando para o proprietário: — “Não se meta a defender seus bens, seus direitos, se não quer cair no tiro!” “A bolsa ou a vida!” A bolsa, no caso em tela, significa: uma área de 150 quilômetros dos territórios de Alto Bonito e Sede de Mundo Novo (MOTTA, 2015 [1960], p. 256).

Nas eleições de 1962, Eulálio Motta recuou. O PRP assumiu o discurso do municipalismo e ele, como representante influente do partido em Mundo Novo e nas cidades vizinhas, não poderia mais se opor à emancipação porque o partido precisava dos votos dos piritubanos. Dessa forma, adotou a mesma postura de seus adversários políticos que tanto combateu.

Nos anos que precederam ao golpe de 1964, Eulálio Motta vivia a frustração de não ter conseguido a revogação do decreto que criou o município de Pirituba e a sua imagem estava desgastada pela exposição a que se submeteu. O PRP não alcançou uma projeção desejável na política nacional. Entretanto, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) crescia a cada eleição. Muitos integralistas converteram-se às trincheiras comunistas. Eulálio Motta sentia-se profundamente incomodado com o desmando dos políticos. Para ele, somente a Revolução seria capaz de fazer valer a justiça, punindo os seus desafetos que ocupavam o poder, e acabar com as ameaças comunistas na política brasileira:

A Revolução que invoquei em 1962, quando num artigo que publiquei comentando sujeiras do politiquismo municipal, escrevi: ‘só nos resta esperar... Esperar a Revolução!’ Que alegria imensa quando a vi chegar dois anos depois que a invoquei! (MOTTA, 2015b [1974], p. 277).

Quando o Regime Militar foi deflagrado pelos generais, ressurgiu a esperança em Eulálio Motta. Após o anúncio do Golpe de Estado, Eulálio Motta publicou um panfleto intitulado *Vitória do Brasil*, no qual fez uma avaliação da situação do Brasil e dos riscos que ele acreditava existir, caso se implantasse no país um regime igual ao da Rússia. No referido panfleto, projetou suas expectativas acerca do Golpe Militar:

[...] ainda sob a emoção causada pela formidável vitória da Nação contra a anti-Nação: do Povo do Brasil contra a claque de pelêgos, comunistas e cretinos [...] Pergunto: as cátedras, os bancos, as repartições públicas, as fábricas, os sindicatos, vão ficar sem expurgos? A peste vermelha rotulada de “nacionalismo”, continuará a ser tolerada nas escolas, nos bancos, na Petrobrás, nas repartições públicas? Esses ambientes não serão desinfetados? [...] Esses plutocratas que gastavam milhões em publicidades nos órgãos comunistas por velhacaria, ganância e covardia; esses também ficarão impunes? (MOTTA, 2015 [1964], p. 262).

Eulálio Motta viu no Regime Militar uma forma de expurgar da política seus adversários. Ele retomou o seu discurso anticomunista, pautado em questões religiosas, e lançou mão do antigo discurso integralista. Nessa ocasião, o prefeito de Mundo Novo, Osvaldo Vitória, era um entusiasta dos ideais comunistas e já falava em reforma agrária, incomodando os fazendeiros da região. Em 1962, Osvaldo Vitória aliou-se a Waldir Pires nas eleições para governador do Estado, e, por isso, converteu-se num inimigo político de Eulálio Motta.

A deflagração da Ditadura Militar favoreceu o escritor mundonovense que compartilhava das ideias totalitárias dos generais. Assim, seu discurso panfletário tornou-se mais agressivo em relação ao governo municipal, fazendo sérias e perigosas acusações, cobrando providências:

[...] Pergunto, entretanto, com amargura e profunda tristeza: nós, mundonovenses, temos motivos locais para festejarmos a Revolução? Não. Depois de cinco anos de existência do governo da Revolução, as corrupções e os corruptos locais continuam incólumes! Incólumes apesar de denúncias e publicidade das podridões e com provas abundantes, esmagadoras, insofismáveis! [...] não temos motivos locais para festejar a Revolução (MOTTA, 2015 [1969], p. 268).

A Ditadura Militar não realizou o sonho de Eulálio Motta, mas ele sempre a invocava para tratar de questões do município, afirmando que acreditava na Revolução. Defendeu o *Ato Institucional n. 5* e criticou o abrandamento do Regime. Retomou seu discurso católico conservador e seus conceitos de democracia orgânica, liberdade e liberalismo, pautando-se na doutrina integralista que na ocasião coadunava-se ao discurso totalitário dos generais.

Em 1983, Eulálio Motta publicou a segunda edição do livro *Canções de meu caminho...* (MOTTA, 1983). A terceira edição, revista e ampliada, estava prevista para 1986, juntamente com a primeira edição de *Meu caderno de trovas*, porém ambas não foram publicadas, mas os projetos de edição integram o acervo do escritor. Além dos livros mencionados, Eulálio Motta elaborou índices e prefácios e atribuiu títulos para vários livros que não foram publicados, mas ficaram registrados nos 15 cadernos que se encontram no seu acervo.

Os versos de Eulálio Motta também foram publicados em livros de terceiros como, por exemplo, em: *Poesias consagradas* (CANTO, 1977); *Poetas da Bahia e Minas, Antologia*, organizado pela Benedictis Editores Ltda, do Rio de Janeiro, em 1981; *Anuário de poetas do Brasil – 1982: edição comemorativa 10º aniversário*, organizado por Aparício Fernandes e editado pela Folha Carioca, do Rio de Janeiro, em 1982, *Mundo Novo, nossa terra, nossa gente* (LIMA, 1988), entre outros.

3 CONCLUSÕES

As diversas fases da vida de Eulálio Motta podem ser contadas a partir dos documentos do seu acervo. Naturalmente, trata-se de uma forma de autobiografia como já foi observada por Patrício Barreiros em diversos estudos. Nesse artigo, apresentamos uma leitura panorâmica dos documentos do acervo do escritor, com o objetivo de contribuir para compreender alguns dos perfis identitários de Eulálio Motta.

Eulálio Motta dedicou à escrita e à coleção dos documentos que integram o seu acervo até o ano de seu falecimento, em 1988, deixando um rico legado para a literatura baiana. Nos causos, nas poesias, nos panfletos e nos cadernos, o que fez Eulálio Motta foi contar história, a sua história e a história de seus contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos por Ig. In: _____. Obra completa: teatro, poesia, crônica, ensaios literários, escritos políticos e epistolário. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960, v. 4, p. 863-922.
- ALVES, Tainá Matos Lima; BARREIROS, Patrício Nunes Barreiros. Edição semidiplomática do Caderno sem capa 1 de Eulálio Motta. Cadernos do CNFL (CiFEFhttp://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/05/021.pdf), v. 18, p. 163-177, 2014.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: . Acesso em: 30 jul. 2016.
- AZEREDO, José Carlos de. Gramática Houaiss da Língua Portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BARREIROS L. L. S.; TELLES, C. M. As unidades fraseológicas no vocabulário de Eulálio Motta. ReVEL, vol. 15, n. 29, 2017.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. A edição de Bahia Humorística de Eulálio Motta. Cadernos do CNFL (CiFEFil), v. 18, p. 9-26, 2014.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. Bahia Deliciosamente Humorística: Uma Edição do Causo Otomove de Eulálio de Miranda Motta. Almanaque CIFEFIL, v. XIII, p. 1699-1708, 2009.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. Causos sertanejos em Bahia Humorística: enunciados da vida cotidiana sob a ótica de Mikhail Bakhtin. Almanaque CIFEFIL, v. XVII, p. 116-131, 2013.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. Representações do cotidiano sertanejo na Bahia sob o olhar de Eulálio de Miranda Motta. Almanaque CIFEFIL, v. XIV, p. 1868-1878, 2010.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana. Vida Sertaneja: edição e estudo de vocabulário dos males sertanejos. Almanaque CIFEFIL, v. XV, p. 2636-2645, 2011.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana; ABBADE, Celina Márcia de Souza. Da corte para o sertão: o campo lexical dos utensílios de cozinha. Cadernos do CNFL (CiFEFil), v. 21, p. 525-540, 2017.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes. Estudo toponímico em Bahia Humorística de Eulálio Motta. Cadernos do CNFL (CiFEFil), v. 20, p. 235-248, 2016.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana; BARREIROS, Patrício Nunes. O vocabulário da Ditadura Militar nos panfletos de Eulálio Motta. Linguística e Filologia Portuguesa (USP), São Paulo, v. 17, n. 2, p. 385-420, jul./dez., 2015.
- BARREIROS, Liliane Lemos Santana; TRINDADE, Joilma Maria de Freitas. A edição do caderno Loja Vitória de Eulálio Motta. Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 28-38, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes. SOUZA, Wiliana Coelho de. Inserção da literatura local nas aulas de Língua Portuguesa: um experiência com a literatura de Juazeiro-BA. A Cor das letras. v. 16, n. 1, p. 70-90, 2015.
- BARREIROS, Patrício Nunes. A face humana do texto, um estudo das variantes em três sonetos de Eulálio Motta. Cadernos do CNLF (CiFEFil), v. 17, p. 33-53, 2013.

- BARREIROS, Patrício Nunes. A oficina do escritor e os projetos editoriais de Eulálio de Miranda Motta. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, v. 13, p. 1465-1480, 2009.
- BARREIROS, Patrício Nunes. A relevância do dossiê arquivístico em edições digitais de documentos de acervos de escritores. *Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas*, v. 2, p. 20-33, 2014.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Conhece-te a ti mesmo: o gênero autobiografia como recurso para desenvolver capacidades de linguagem, um estudo de caso. *Veredas*, v. 23, n. 3, Juiz de Fora, p. 408-506, 2017.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Da organização do espólio à edição crítica da obra de Eulálio de Miranda Mota. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, v. IX, p. 117-126, 2005.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Edição das obras literárias inéditas de Eulálio Motta: resultados e perspectivas. *Cadernos do CNLF (CiFEFil)*, v. 18, p. 60-76, 2014.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Eulálio Motta: um panfletário no sertão da Bahia. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 67, São Paulo, p. 57-80, 2017.
- BARREIROS, Patrício Nunes. La hiperedición dos panfletos de Eulálio Motta: edición filológica y cultura digital, retos de un nuevo tiempo. *Digital Humanities 2014 Conference Abstracts*, Lousanne, Suíça, Université de Lousanne, 2014.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Novas práticas culturais da escrita, novas perspectivas da Crítica Textual: rumo às hiperedições. *Linguística e Filologia Portuguesa (USP)*, São Paulo, v. 16, 2014.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Nuevos desafíos en la transmisión del texto literario: contribuciones de la Filología Textual. *Anais, VI Congresso Brasileiro de Hispanistas*, Campo Grande, 2011.
- BARREIROS, Patrício Nunes. O acervo do escritor e seu itinerário (auto)biográfico. *Todas as Letras (Makenzie)*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 235-250, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Por uma abordagem da História Cultural das práticas de escrita na edição de textos. *Alea: Estudos Neolatinos (Impresso)*, v. 19, p. 389-414, 2017.
- BARREIROS, Patrício Nunes. Clio: um diálogo com a musa nos bastidores da filologia. *Philologus*. Rio de Janeiro, v. 57, p. 45-63, 2013.
- BARREIROS, Patrício Nunes; ALVES, Tainá Matos Lima. Edição e estudo do processo criativo do poema Volta, querida, de Eulálio Motta. *Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais*, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 106-118, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes; CARNEIRO, Helanya Santana. Conhece-te a ti mesmo, uma proposta par ao desenvolvimento da capacidade escritora do gênero autobiografia. *Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais*, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 572-588, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes; CINTRA, Pâmella Araujo da Silva. Eulálio Motta e Ninguém: edição de cartas ao leitor no jornal O Lيدador. *Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais*, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 171-181, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes; DESIDÉRIO, Maria Rosane Vale Noronho. Folhas ao vento: edição das poesias avulsas de Eulálio Motta. *Anais...VIII Seminário de*

- Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 196-206, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes; GUSMÃO SANTIAGO, Iago. Eulálio Motta: jornalista de Mundo Novo. Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 182-195, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes; PASSOS, M. B. A. Práticas culturais da escrita: edição do manuscrito Alfabetização etc. e tal de Eulálio Motta. *Philologus*, v. 58, p. 137-147, 2014.
- BARREIROS, Patrício Nunes; ROCHA, Juliana Pereira. Estudo e edição das trovas de Eulálio Motta. Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 153-170, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes; SANTIAGO, Stephanie da Cruz. Edição e estudo do caderno Farmácia São José, de Eulálio Motta. Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 92-105, 2016.
- BARREIROS, Patrício Nunes; SANTOS, Adauto Damião dos. POESIA AUDIOVISUAL: protagonismo criativo nas mídias digitais. *Revista Observatório*, v. 4, n. 5, 2018, p. 263-303.
- BARREIROS, Patrício Nunes; SANTOS, Taylane Vieira dos. Edição do poema Recordações de Monte Alegre: uma das canções do caminho de Eulálio Motta. Anais...VIII Seminário de Estudos Filológicos: Filologia e Humanidades Digitais, Universidade Estadual de Feira de Santana, p. 72-81, 2016.
- BARREIROS, PATRÍCIO NUNES; SANTIAGO, I. G. . A interface rizomática do acervo: construção do dossiê arquivístico para elaboração de edições digitais. *A COR DAS LETRAS (UEFS)*, v. 18, p. 46-69, 2017.
- BARREIROS, PATRÍCIO NUNES; SANTOS, T. V. . OS ITINERÁRIOS DA EDIÇÃO DO LIVRO INÉDITO CANÇÕES DE MEU CAMINHO DE EULÁLIO MOTTA. *REVISTA PHILOLOGUS*, v. 67, p. 147-162, 2017.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Dimensões da palavra. *Filologia e Linguística Portuguesa*. São Paulo, n. 2, p. 81-118, 1998.
- BOAVENTURA, Tainá Matos Lima Alves. Estudo do processo criativo do poema conversão, do livro Inédito Flôres e Espinhos. *Revista Inventário*, n. 21, Salvador, jul. 2018, p. 51-62.
- CAMPOS, Egberto de. Alma enferma de Eulálio Motta. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 4, 27 out. 1933.
- CANTO, J. A. Cunha. Poesias consagradas. São Paulo: Pontes, 1977, v. 3.
- CAVALCANTE, Maria Neuma Barreto. Cadernetas de viagem: os caminhos da poesia. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, n. 41, p. 235-247, 1996.
- CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008 [1990].
- CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In: CHARTIER, Roger. (Org.). História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 [1986], p. 113-162.

- CINTRA, Pâmella Araujo da Silva; BARREIROS, Patrício Nunes. DO ACERVO DO ESCRITOR PARA O PÚBLICO LEITOR: A REEDIÇÃO DO POEMA “CANÇÃO DE NINAR”. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 22, p. 375-390, 2018.
- CINTRA, Pâmella Araujo da Silva; BARREIROS, Patrício Nunes. Edição crítico-genética do poema “Terra de promessa”, de Eulálio Motta. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 21, p. 628-648, 2017.
- DARNTON, Robert. A questão dos livros: passado, presente e futuro. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DESIDÉRIO, Maria Rosane Vale Noronha; BARREIROS, Patrício Nunes. CRENÇAS E FALARES DO SERTÃO: EDIÇÃO DO CORDEL “A MESINHA”, DE EULÁLIO MOTTA. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 22, p. 371-287, 2018.
- DESIDÉRIO, Maria Rosane Vale Noronha; BARREIROS, Patrício Nunes. Edição crítico-genética do poema “Carnaval de Mundo Novo”, de Eulálio Motta. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 21, p. 643-657, 2017.
- FERNANDES, Aparício. (Org.). Anuário de poetas do Brasil – 1982: edição comemorativa 10º aniversário. Rio de Janeiro: Folha Carioca, em 1982.
- LIMA, Dante. Mundo Novo, nossa terra, nossa gente. Salvador: Contemp, 1988.
- LIMA, Nemésio. Alma enfêrma (versos de Eulálio Mota). *O Lidador*, ano 1, n. 10, p. 4, 10 nov. 1933b.
- LIMA, Nemésio. Eulálio Mota. *O Lidador*. Jacobina-BA, ano 1, n. 13, p. 1, 1 dez. 1933a.
- LIMA, Nemésio. Pharmaceutico Eulálio Mota Integralista de convicções. *O Lidador*. Jacobina-BA, ano 2, n. 22, p. 2, 31 jan. 1934.
- MANDEL, Ladislav. Escritas, espelho dos homens e das sociedades. Tradução Constância Egrejas. São Paulo: Rosari, 2006 [1998].
- MCLUHAN, Marshall. A galáxia de Gutemberg, a formação do homem tipográfico. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho e Anísio Teixeira. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1977 [1962].
- MENDONÇA, Floriano. Alma enfêrma de Eulálio Mota. *O Imparcial*, ano 1, p. 2, 29 out. 1933.
- MOTTA, Eulálio de M. Alma enferma. Salvador: Imprensa Vitoria, 1933a.
- MOTTA, Eulálio de M. Canções de meu caminho. Serrinha: Tipografia d’O Serrinhense, 1948.
- MOTTA, Eulálio de M. Canções do meu caminho. 2. ed. rev. Mundo Novo-BA: [s.n.], 1983.
- MOTTA, Eulálio de M. Cegos... In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1960], p. 256.
- MOTTA, Eulálio de M. Dois Extremos: um ótimo e outro péssimo. In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1962], p. 257.
- MOTTA, Eulálio de M. Ilusões que passaram... Salvador: Oficinas Graphics d’A Luva, 1931a.
- MOTTA, Eulálio de M. Liberato. “Adios”. *Mundo Novo*, Mundo Novo-BA, ano 11, n. 191, p. 2, 23 out. 1931b.

- MOTTA, Eulálio de M. Mania. Mundo Novo, Mundo Novo-BA, ano 12, n. 200, p. 4, 1 jan. 1932.
- MOTTA, Eulálio de M. Na colheita do café. In: BARREIROS, Liliane L. S. Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 89-91.
- MOTTA, Eulálio de M. No décimo aniversário. In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1974], p. 277.
- MOTTA, Eulálio de M. Nossa Telé. In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1977], p. 290.
- MOTTA, Eulálio de M. O Integralismo vencerá! O Lidador, Jacobina-BA, ano 1, n. 17, p. 1, 29 dez. 1933b.
- MOTTA, Eulálio de M. O que importa. In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1949], p. 254.
- MOTTA, Eulálio de M. O Telefone. In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015b [1977], p. 289.
- MOTTA, Eulálio de M. Ontem, hoje, amanhã... In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015a [1974], p. 278.
- MOTTA, Eulálio de M. Páginas inéditas. Gazeta do Povo, Feira de Santana-BA, ano 2, n. 85, Caderno 1, p. 2, 11 dez. 1960.
- MOTTA, Eulálio de M. Podridão!... In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1967], p. 266.
- MOTTA, Eulálio de M. Prece. In: BARREIROS, Patrício N. Sonetos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2012 [1941], p. 152.
- MOTTA, Eulálio de M. Quinto aniversário. In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1969], p. 268.
- MOTTA, Eulálio de M. Sêca. In: BARREIROS, Liliane L. S. Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 151-153.
- MOTTA, Eulálio de M. Sentimentalismo. In: BARREIROS, Patrício N. Sonetos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2012 [1929], p. 138.
- MOTTA, Eulálio de M. Vida sertaneja I. In: BARREIROS, Liliane L. S. Bahia Humorística: os causos sertanejos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2016 [1933], p. 81.
- MOTTA, Eulálio de M. Vitória do Brasil! In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1964], p. 262.

- MOTTA, Eulálio de M. Viva a Esperança. In: BARREIROS, Patrício N. O pasquineiro da roça: a hiperedição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana-BA: UEFS Editora, 2015 [1966], p. 263.
- POETAS da Bahia e Minas: antologia. Rio de Janeiro: Benedictis, 1981.
- ROCHA, Juliana Pereira; BARREIROS, Patrício Nunes Barreiros. Edição do poema Recordação de Monte Alegre: uma das canções dos caminhos de Eulálio Motta. *A Cor das Letras*, v. 17, n. 1, p. 77-89, 2016.
- ROCHA, Juliana Pereira; BARREIROS, Patrício Nunes Barreiros. Transcrição semidiplomática do Meu caderno de trovas. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 18, p. 236-251, 2014.
- SANTANA, João Marcel Andrade; BARREIROS, Patrício Nunes Barreiros. DE SUOR A SUDOR, A TRADUÇÃO DO VOCABULÁRIOCULTURALMENTE MARCADO NOROMANCE DE JORGE AMADO. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 22, p. 298-327, 2018.
- SANTOS, Taylane Vieira dos; BARREIROS, Patrício Nunes Barreiros. Edição semidiplomática do caderno Canções do meu caminho 3ª edição de Eulálio Motta. *Cadernos do CNFL (CiFEFil)*, v. 18, p. 178-191, 2014.
- TEBEROSKY, Ana. Introducción. In: BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Estudios lingüísticos sobre la relación entre oralidad y escritura. Espanha, Barcelona: Gedisa, 1998, p. 9-17.
- VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro. (Org.). Escrita de si, escrita da história. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 111-137.

Recebido em: 28/11/2019

Aprovado em: 07/12/2019

Publicado em: 19/12/2019